

ANAIS DO SETA, Volume 2, 2008

## AS CONSTRUÇÕES ABSOLUTAS ADJETIVAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Christine da Silva PINHEIRO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo argumenta pela debilidade empírica de analisar as “*small clauses* livres” unicamente por meio da distinção entre predicados *stage level* X *individual level*, optando alternativamente por analisá-las como um subtipo de *small clauses* absolutas predicativas.

**ABSTRACT:** This paper argues for the empirical weakness of the analyses of free small clauses in terms of differences between stage level predicates and individual level predicates. I choose to analyze those sentences as subtypes of predicative absolute small clauses.

### 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma descrição adequada para sentenças mostradas em (1). Essas construções apresentam um comportamento bastante curioso quanto à posição em que o adjetivo pode manifestar-se – vide exemplos em (2) – tal como a necessidade de aceitar uma cópula (*ser* ou *estar*) (exemplos em (3)).

- (1) a. Rápida essa entrega!  
b. Gostoso esse sorvete!  
c. ? Vermelho esse tapete!  
d. \* Grávida a Maria!<sup>2</sup>
- (2) a. Rápida essa entrega!  
a'. \*Essa entrega rápida!  
b. Gostoso esse sorvete!  
b'. \* Esse sorvete gostoso!
- (3) a. (É/ Está) rápida essa entrega!  
b. (É/ Está) Gostoso esse sorvete!  
c. \*(É/ Está) Vermelho esse tapete!  
d. \*(Está) Grávida a Maria!

Os exemplos em (2) mostram que apenas alguns adjetivos (como os presentes nos exemplos a-b) podem aparecer, nessas construções, prepostos<sup>3</sup> ao DP sobre o qual têm escopo sem a presença de uma cópula, nesses casos, os verbos ‘ser’ e ‘estar’, que servem de suporte para a predicação. Função similar têm os exemplos apresentados em (3) que

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: [christine.pinheiro@gmail.com](mailto:christine.pinheiro@gmail.com).

<sup>2</sup> Todas as sentenças aqui devem ser avaliadas quanto a sua (a)gramaticalidade em um contexto out-of-the-blue.

<sup>3</sup> Nesse momento, o uso do termo ‘preposto’ responderá pela posição linear do elemento na sentença em comparação com a “ordem canônica” (DP > adjetivo), sem qualquer menção a sua posição de *merge*.

ilustram a distribuição entre a obrigatoriedade (3 c-d) e a opcionalidade<sup>4</sup> (3 a-b) da presença de uma cópula quando há adjetivos prepostos.

Uma das grandes questões quanto a essas construções é referente ao seu *status*: são predicacões plenas ou *small clauses*? Qualquer uma das opções adotadas, porém, representa apenas o primeiro passo rumo à descrição dessas sentenças já que as características levantadas acima não seguem diretamente de sua classificação como um ou outro tipo.

Optando pela segunda solução – são *small clauses* – apresentaremos na seção seguinte os trabalhos pioneiros de Kato (1988) e (1998), nos quais essas sentenças foram primeiramente reveladas e para as quais se têm a primeira proposta<sup>5</sup>.

Como se verá, porém, essas propostas não conseguem cobrir empiricamente todas as construções dessa natureza. Sendo assim, proponho uma análise alternativa descrevendo-as como um subtipo de *small clause* absoluta predicativa (SCAP).

## 2. AS *SMALL CLAUSES* LIVRES

Como mencionado na seção anterior, os trabalhos de Kato (1988) e (1998) são os responsáveis por revelar as construções em (1) analisando-as como um tipo de *small clause* a que chama de livre. Essa construção pode envolver outras categorias além dos adjetivos sempre com funções predicativas. Aos casos empíricos apresentados em (1) pode-se somar no inventário das *small clauses* livres exemplos como os de (4), que envolvem advérbios ou NPs funcionando predicativamente de forma similar ao que tínhamos para (1) com os adjetivos. Ainda que essas sejam ocorrências lícitas de *small clauses* livres, elas não serão objeto de investigação nesse momento.

- (4) a. Meio sem graça essa novela
- b. Um artista o seu filho (KATO 1998: 4)

Uma das preocupações centrais desses trabalhos é entender porque, diferentemente de casos em que há uma cópula expressa ((9)) ou nos quais a *small clause* funciona como complemento de alguns verbos ((10)), esta construção não permite a ordem ‘direta’ como vemos em (8) versus (9) e (10).

- (8) \* O seu sorvete gostoso.
- (9) O seu sorvete é gostoso.
- (10) a. Eu achei gostoso o seu carro.
- b. Eu achei o seu sorvete gostoso.

As análises propostas para responder a essa questão são ligeiramente diferentes nos dois trabalhos. No trabalho de (1988) Kato sugere que essas estruturas estejam relacionadas à possibilidade ou não de se tratar de um elemento ergativo e, em caso positivo, haver um tipo de inversão românica envolvendo um pro co-referencial ao DP.

---

<sup>4</sup> Seguindo o padrão da área, o uso do asterisco externo aos parênteses indica que essa sentença torna-se agramatical sem o trecho apresentado dentro dos parênteses.

<sup>5</sup> Gostaria de agradecer a prof. Dr. Mary Kato por, tão gentilmente, ter me apresentado seus textos supracitados que serviram de motor, não só a investigação aqui apresentada, como à dissertação de Mestrado em desenvolvimento.

Já no trabalho de (1998) considera que há uma terceira cópula com forma, porém traços distintos de *ser*: a cópula *ser*<sub>2</sub>. Essa cópula seria foneticamente apagada juntamente com o pronome resumptivo envolvido.

A noção do tipo de predicado (*individual level X stage level*) oriunda de Kratzer (1995) é convergente e central nos dois trabalhos. Em “Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese” não há denominação direta, porém a exigência ou opcionalidade das cópulas ‘ser’ e ‘estar’ como característica determinante da ergatividade ou inergatividade dos adjetivos codifica a mesma intuição que será trabalhada no artigo de 1998: verbos que só admitem o uso da cópula estar – inergativos no trabalho de 1988- são agramaticais em *small clauses* livres.

É justamente essa confluência que contrasta diretamente com a empiria. Ao condicionarem a possibilidade de prepor o adjetivo a sua compatibilidade apenas com o verbo ‘estar’ (ou a serem predicados de estado (*stage level*) o que, nesse caso, resulta a mesma coisa) ou, inversamente imputarem a compatibilidade – exclusiva ou não- com o verbo ‘ser’ (ou predicados de indivíduo (*individual level*)) à sua inclusão em *small clauses* livres, prevêm inadequadamente a gramaticalidade de (11) e a agramaticalidade (12).

(11) a. ?Vermelho esse tapete!

b. \*Quadrada essa mesa!

(12) a. Ok Pronto, o café!

b. Ok Exaustos, os garotos

Empiricamente fica patente a inadequação de uma hipótese descritiva para tal fenômeno amplamente baseada na correlação entre os tipos de predicados conforme Kratzer (1995), isto é, na relação estreita entre o tipo de verbo aceito por determinado adjetivo e sua presença anteposta em uma *small clause* livre.

### 3. AS CONSTRUÇÕES ABSOLUTAS

#### 3.1. Definição

Investigaremos agora a hipótese de que há uma correlação entre as sentenças apresentadas em (1) e as construções absolutas, ou, mais especificamente, de que as “small clauses livres” são um subtipo de construção absoluta. Para tanto apresentaremos sinteticamente o tratamento, nem sempre homogêneo, dado a tais construções.

Há uma convergência nos trabalhos que permite identificar como características das construções absolutas<sup>6</sup>: serem relações de predicação sem um morfema temporal visível, não possuírem conectivo que as interliguem a sentença que modificam e ocorrerem em geral –mas não necessariamente- no início da sentença. Exemplos

---

<sup>6</sup> Entre os autores que adotam uma perspectiva bastante diferenciada das construções absolutas deve-se citar Stump (1985) e Kortmann (1991). Stump adiciona sentenças com complementizador expresso ao inventário das construções absolutas mais especificamente ao que denomina como construções absolutas fortes. Kortmann diferencia-se das visões tradicionais por entender que construções absolutas têm uma ligação íntima com caso absoluto nos NPs sujeitos dessas sentenças. Mantendo algumas noções tradicionais – entre as quais: a presença de NP expresso na sentença absoluta, a relação de subordinação entre matriz e absoluta sem um complementizador - Kortmann não as vê como definições que individualizem as construções absolutas, mas apenas descrições genéricas que poderiam servir também a outras construções como as de adjunto livre. Advoga a presença de NP e seu caso como características definidoras das construções absolutas.

clássicos de construções absolutas podem ser vistos em (13), nos quais há um NP sujeito não retomado na oração matriz (casos em que sustentam ocorrer uma predicação secundária). Porém os trabalhos mais recentes (cf. López (1994), Leborans (1995), Dini (1995) Marín (1996), (2000) e (2002)) argumentam a favor da inclusão dos casos em que o NP – vazio ou preenchido- é retomado na oração matriz, exemplificados por (14).

(13) a. Liberadas as estradas, as entregas voltaram a acontecer dentro do prazo.

b. Cavado o túnel, os presos fugiram com facilidade

(14) a. Liberada [e]<sub>i</sub> pelos policiais, [a estrada]<sub>i</sub> voltou a ter tráfego normal.

b. Contratado [o jogador]<sub>i</sub>, o técnico quer armar o esquema tático com [ele]<sub>i</sub>.

A análise das sentenças absolutas em diversas línguas permitiu que os pesquisadores generalizassem algumas características próprias dessas construções. Entre as quais podemos citar a impossibilidade de ocorrer com inergativos ((15)), posposição DP na absoluta ((16)) sendo agramatical ((17)) a sequência DP> Adj (ou Participípio Passado, Gerúndio, PPs, enfim qualquer categoria que possa nuclear uma absoluta), inaceitabilidade de *bare plurals* como sujeitos de absolutas (18) e incompatibilidade com negação (19).

(15) a. \* Trabajado el torero, Madonna pagó el dinero.

‘Trabalhado o toureiro, Madonna pagou em dinheiro’ (Marín (1996))

b. \* Cantado o João, não faltava mais nenhum concorrente

(16) a. Rotos los vínculos familiares, los adolescentes se deprimen.

‘Rotos os vínculos familiares, os adolescentes se deprimem’ (López (1994))

b. Encontrando a carta, o jogo começou.

(17) a. \* Los vínculos familiares rotos, los adolescentes se deprimen.

‘Os vínculos familiares rotos, os adolescentes se deprimem’ (López (1994))

b. \* A carta encontrando, o jogo começou<sup>7</sup>

(18) a. \* Construídas casas,...(Marín (1996))

b. \* Roubado cofres, o ladrão ficou satisfeito.

(19) a. \* No disuelto el azúcar, ...

Não dissolvido o açúcar,... (Marín (1996, 2002))

b. \* Não encontrados os meninos, a busca se intensificou.

Algumas características encontradas, porém, pareciam aplicar-se bem a apenas uma parte das construções absolutas, o que levou alguns autores a buscar um refinamento na classificação. López (1994), por motivos internos a sua hipótese, defende uma diferenciação entre as *full clauses* absolutas (nucleadas por gerúndio) e as *small clauses* absolutas. Já Dini (1995) e Marín ((1996), (2000), (2002) sustentam a distinção entre *small clauses* absolutas predicativas (SCAP) e *small clauses* absolutas aspectuais (SCAA).

<sup>7</sup> A degradação diz respeito à leitura como uma construção absoluta em que há alguma relação entre as sentenças, não se aplicando a outra possível leitura em que são frases completamente independentes.

### 3.2. As *Small Clauses Absolutas Predicativas* (SCAP) e as *Small Clauses Absolutas Aspectuais* (SCAA)

Marín (1996, 2000, 2002), retomando a proposta de Dini (1995), distingue as construções absolutas entre as que apresentam um DP vazio co-referente a algum sintagma da sentença matriz (20) e as que apresentam o DP explícito (21).

(20) Lida nos principais jornais, a carta comoveu todas as mulheres.

(21) Descoberta a vacina, faltava produzir em escala comercial.

Denomina as sentenças ilustradas por (20) de *small clauses* absolutas predicativas (SCAPs) e as exemplificadas em (21) como *small clauses* absolutas aspectuais (SCAAs). Ao propor essa distinção captura-se uma diferença aspectual quanto ao caráter exclusivamente terminativo das SCAAs em contraste com SCAPs. Os exemplos (22) e (23) elucidam a diferença aspectual presente nessas construções através das paráfrases (24) e (25)

(22) Lida nos principais jornais, a carta comoveu todas as mulheres.

(23) Lida a carta, as mulheres ficaram comovidas.

(24) Depois de ouvir a leitura da carta as mulheres ficaram comovidas.

(25) Enquanto ouviam a leitura da carta, as mulheres se comoviam.

Se (22) é ambígua, sendo válidas como paráfrases tanto (24) como (25), para (23), porém, a única paráfrase válida é (24). Essa distinção interpretativa está intimamente ligada à relação de concomitância, disponível apenas para as SCAPs, entre os eventos expressos pela oração absoluta e a oração principal. Para as SCAAs o aspecto da absoluta exige a presença de perfectividade e anterioridade em relação ao evento da matriz.

A distinção irá capturar essa diferença aspectual a partir da qual se explicará várias exceções – até então intrigantes – como a compatibilidade com negação presente em algumas construções absolutas (notadamente SCAPs), admissão de predicados *individual level* quando uma característica que parecia bastante uniforme era a exclusão desse tipo de predicado, entre outros.

## 4. A PROPOSTA

Propomos então que um bom caminho seria analisar as *small clauses* livres como um tipo especial de SCAP. Como veremos abaixo, nossas construções apresentam restrições similares. O exemplo (26) representa a incompatibilidade com inergativos, (27) responde pela agramaticalidade da ordem indireta e (28) a incompatibilidade com *bare plurals*.

(26) \* Feridos, os sobreviventes!

(27) \* Essa praia maravilhosa!

(28) \* Prático, maletas!

Adotando essa perspectiva, embora este trabalho não tenha alcançado um nível explanatório quanto a agramaticalidade da “ordem direta” (NP>ADJ) nas *small clauses* livres contrariamente a gramaticalidade em complemento verbal, ao menos, apresentou

um caminho descritivo adequado: as primeiras, diferentemente das segundas, são *small clauses* absolutas.

Como os trabalhos sobre SCAPs limitam-se a investigar construções aspectuais nucleadas por particípio passado, o desafio será encontrar um aspecto que aja de maneira similar nas construções estudadas aqui, para o que precisaremos considerá-las como verdadeiros eventos e não apenas estados. É possível que o aspecto envolvido esteja relacionado com o caráter avaliativo e não durativo dos adjetivos como o exemplo abaixo parece indicar. A sentença (29) é boa – no que se contrapõe a (1d) – se o predicado ‘grávida’ for encarado como marcando apenas um ponto do evento.

(29) Grávida, a Maria sentiu os pés incharem.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DINI, L. (1995). “Aspectual constraints on Italian absolute phrases”, in: *Quaderni Del Laboratorio di Linguistica* 8, pp. 52-87.
- GUÉRON, J.; HOEKSTRA T. (1995). “The Temporal interpretation of predication”, in: A. CARDINALETTI; M. T. GUASTI (orgs.). *Syntax and semantics*. Vol. 28: Small clauses. Londres: Academic Press.
- HERNANZ, M. L. (1991). “Spanish absolute constructions and aspect”, in: *Catalan Working Papers in Linguistics* 1, pp. 75-128.
- KATO, M. A. (1988). “Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese”. Comunicação no GT de Teoria Gramatical da ANPOLL.
- \_\_\_\_\_. (1998). “A terceira cópula no português”. Comunicação no Workshop de Sintaxe e Semântica, Unicamp.
- KRATZER, A. (1995). “Stage level and Individual level predicates”, in: G. CARLSON; F. J. PELLETIER (orgs.). *The Generic Book*. Chicago: The University of Chicago Press.
- KORTMANN, B. (1991). *Free adjuncts and absolutes in English: Problems of control and interpretation*. Londres e Nova York: Routledge.
- LEBORANS, M. J. F. (1995). “Sobre construcciones absolutas”, in: *Revista Española de Lingüística* 25, pp. 365-395.
- LÓPEZ, L. (1994). “The internal structure of absolute clause”, in: *Catalan Working Papers in Linguistics* 4(1), pp. 45-92.
- MARÍN, R. (1996). “Aspectual properties of Spanish absolute small clauses”, in: *Catalan Working Papers in Linguistics* 5(2), pp. 183-212.
- \_\_\_\_\_. (2000). *El Componente aspectual de la predicación*. Tesis doctoral inédita. Barcelona, Universidad Autónoma de Barcelona.
- \_\_\_\_\_. (2002). “De nuevo sobre construcciones absolutas”, in: *Círculo de Lingüística Aplicada a La Comunicación*.
- STUMP, G. T. (1985). *The Semantic variability of absolute constructions*. Dordrecht: Reidel.